

“A Batalha do Chile”

Resenha de Alexandre Madrugá para Estética e Cultura de Massa II, professor Ivan Capeller.

O cineasta documentarista e chileno Patricio Guzmán produz nesse documentário histórico, feito após seis anos de trabalho, mais de cinco horas de filmagem, subdivididas em três partes, no qual mostra o crescimento e a queda de Salvador Allende. A primeira parte da filmagem, "A Insurreição da Burguesia" (1975), relata a reação da direita contra a tentativa o socialismo democrático no país que tentava ser implementado, com greves por sindicatos e o boicote econômico, que teve influência do governo dos EUA. "O Golpe de Estado" (1977), que é a segunda parte do documentário, fixa o foco na guerra civil que levou ao bombardeio do Palácio de La Moneda e à morte do presidente em 11 de setembro de 1973, sob a liderança de uma junta militar encabeçada por Pinochet. "O Poder Popular" (1979) finaliza a filmagem, revelando algumas ações coletivas realizadas por populares com intuito de acabar com a crise durante o governo Allende, como armazéns comunitários e comitês camponeses, que serviam de sustento para alimentação de parte da população.

“Batalha” foi considerado um dos melhores documentários políticos da história, relatando a primeira transição democrática ao socialismo da história da América Latina.

Para a crítica norte-americana Pauline Kael, "como uma equipe de cinco pessoas, algumas delas sem nenhuma experiência prévia, conseguiu produzir uma obra dessa magnitude?" O documentarista João Moreira Salles, responde que "ao longo daqueles anos, a história estava em marcha e havia alguém com a férrea disposição de não desligar a câmera." Esse desejo de levar o cinema às últimas conseqüências fica evidente na cena mais famosa do filme, em que um cinegrafista baleado pela polícia filma a própria morte.(1)

O documentário mostra um país em extrema tensão, uma população rachada ao meio entre esquerda e direita, numa realidade caótica de greves, passeatas, manobras políticas, que finalizam com um golpe militar e a morte (assassinato) do Presidente Allende.

A criação do documentário ganha ares épicos, por toda sua trajetória percorrida pelos cinco integrantes da equipe de filmagem, até a chegada das latas de negativo (de forma clandestina) por navio para Cuba, onde o Guzmán montou o filme com a ajuda do Instituto del Arte y la Industria Cinematográficos (Icaic).

A “via crucis” de Guzmán após as filmagens foi grande, pois logo depois da conclusão do trabalho, foi preso em casa, levado ao Estádio Nacional e ameaçado de fuzilamento, no entanto acabou posto em liberdade. Já o cinegrafista Jorge Muller Silva desapareceu de vez, depois de ser seqüestrado pela polícia militar.

A produção teve o claro intuito de demonstrar como ocorreu todo o processo, apresentando as prévias dos acontecimentos, como eram arquitetados e por quem, mostrando todos os lados da questão de maneira exaustiva, deixando claro ao espectador a real situação chilena da época. A locução em off deixa o espectador ciente e consciente dos acontecimentos, permitindo toda e

necessária compreensão do golpe. Filmou desde assembléias de fábricas, passando por trabalhadores do campo, moradores de bairros construindo um abastecimento alternativo, até militantes de direita.

Guzmán registra e analisa toda a caminhada chilena pela via democrática ao socialismo, abordando temas difíceis como as nacionalizações, o apoio ambíguo da presidência ao processo de construção do "poder popular" que se dava com as ocupações, além da participação direta através de assembléias locais e regionais, e as contradições entre este poder popular e um Estado que acabou paralisado pelo Congresso e as ações de sabotagem apoiadas pela CIA e pelas elites.

Para João Moreira Salles, “O resultado é um filme inegavelmente belo, decididamente épico e certamente trágico. (...) Guzmán filmou tudo, até o último momento.”

O jornal espanhol Cambio 16 escreveu: "A Batalha do Chile é o filme mais impressionante exibido em Cannes este ano". Na França, o Le Monde acompanhou: "É a primeira obra de arte a encarnar uma nova forma de analisar a história." O Los Angeles Times concordou: "Um documentário admirável sobre um país que é lançado no caos com a inevitabilidade de uma tragédia grega".(2)

Apesar da eleição de Allende, da esquerda chilena, é curioso perceber que a maior parte da grande mídia era controlada pela oposição de direita. A mais perigosa era a emissora de TV, Canal 13, com grande audiência popular e com fortes interesses conservadores que Guzmán usava um crachá falso da emissora para entrevistar esse público. Graças a essa iniciativa, conseguiu passar para o documentário o clima de revolta da classe média e da burguesia em relação às medidas populares do governo Allende.

Esse é apenas alguns aspectos do belíssimo documentário. Trata-se de uma obra obrigatória para estudantes discentes em geral e comunicadores.

Bibliografia:

(1) Revista Núcleo Piratininga de Comunicação, Edições 094, Fevereiro de 2006

(2) Depoimentos ao Portal midiaindependente.org

- Dissertação baseada nos capítulos apresentados no Auditório Hanns Donner da UniSuam / Bonsucesso e nos extras do Box “Batalha do Chile” em “Patricio Guzmán: uma história chilena” (2001); “A resistência final de Salvador Allende” (1988), “Entrevista de José Carlos Avellar com Patrício Guzmán” (2005), além da “Filmografia do diretor”.

OBS.: O trabalho será complementado por uma entrevista sonora com Fernando Benedicto Rojas Coromer, funileiro de uma oficina mecânica no Chile na época do golpe de 73, no qual foi preso por desrespeitar o toque de recolher.